**O ENSINO DE HISTÓRIA: APROXIMAÇÃO COM OS MÉTODOS DA CIÊNCIA HISTÓRICA**

José Aldaécio de Lima

*Aluno do Curso de Mestrado em Ensino do CAMEAM-UERN*

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)*

*aldaeciolima@hotmail.com*

Maria da Paz Cavalcante

*Profª Drª do Departamento de Educação do CAMEAM-UERN*

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)*

*mariapaz@uern.br*

**RESUMO**

O ensino de História no currículo das escolas públicas brasileiras tem sido influenciado, ao longo da sua trajetória, por diferentes correntes historiográficas como a Positivista, a Materialista Histórica e a Nova História, entre outras, que apresentam características e visões diferentes em relação à análise que se faz da sociedade e da formação dos alunos. Esse trabalho tem como objetivo analisar o ensino de História desenvolvido por uma professora em uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública para identificar a aproximação entre o ensino desenvolvido por ela com alguns dos métodos da ciência histórica e em que aspectos contribuem para a formação dos alunos. Caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa de cunho bibliográfica, tendo como instrumento de construção de dados a observação não participante. O aporte teórico fundamenta-se em autores como Hipolide (2009), Brodbeck (2009), Ferreira e Franco (2009), Fonseca (2009), Bezerra (2010), Pinsky e Pinsky (2010), Bittencourt (2011) e Ferro (1983). A análise revela que o ensino desenvolvido pela professora apresenta alguns aspectos característicos de uma concepção tradicional de educação que se aproxima do método Positivista. O ensino apresenta uma limitação em relação ao uso de fontes históricas, restringindo-se ao uso do livro didático e favorece a formação de alunos capazes de acumular um grande volume de informações, mas com dificuldades de compreender o que elas representam.

**PALAVRAS-CHAVE: Ensino de História. Método Histórico. Formação dos alunos.**

**INTRODUÇÃO**

Durante muito tempo a disciplina de História ficou marcada nas escolas públicas brasileiras como uma ciência que se ocupava em estudar o passado da humanidade como algo pronto e acabado. Desde a sua implantação no currículo escolar brasileiro, no século XIX, esse componente curricular esteve a serviço dos grupos dominantes como estratégia para manter e conservar o modelo de sociedade vigente. Nesse sentido, os conteúdos trabalhados em sala de aula carregavam em si um teor ideológico construído a partir da visão daqueles que detinham o poder político e econômico. Essa afirmação encontra respaldo teórico nas pesquisas do historiador Marc Ferro (1983) quando afirmava que a História ensinada pelo professor em sala de aula guarda forte relação com a história construída por uma dada sociedade e pelos seus pares.

No Brasil, a partir da década de 1980, com o processo de redemocratização política, os movimentos em defesa da renovação do ensino de História ganharam força. Nesse cenário, intensificaram-se os debates, as discursões e os estudos por iniciativa dos professores de História e pesquisadores acadêmicos. Isso provocou diversas reflexões sobre o ensinar e aprender História, lançando um novo olhar, de tal maneira que se passou a repensar os métodos utilizados em sala de aula, as abordagens, as temáticas, as fontes e linguagens para melhor se adequar as necessidades de oferecer aos alunos uma formação histórica capaz de situá-los no tempo e no espaço e de se reconhecerem como sujeitos que também produzem história nos diversos contextos em que estão inseridos.

Nesse novo cenário, os estudos recentes no campo da historiografia abrem novos horizontes para o professor de História que passa a dispor de um conjunto de possibilidades a favor de um processo de ensino-aprendizagem comprometido com a formação cidadã do aluno. Nessa direção, as pesquisas atuais apontam a necessidade de repensar o método de ensino utilizado pelo professor em sala de aula para melhor trabalhar os conhecimentos históricos produzidos pelas diversas gerações ao longo do tempo. Este trabalho procura contribuir com as discussões acerca do ensino de História por meio de uma observação em locus. Tem como objetivo analisar o ensino de História desenvolvido por uma professora em uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública para identificar a aproximação entre o ensino desenvolvido por ela com alguns dos métodos da ciência histórica e em que aspectos contribuem para a formação dos alunos. Para tanto, caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa de cunho bibliográfica, tendo como instrumento de construção de dados a observação não participante. O aporte teórico fundamenta-se em autores como Hipólide (2009), Brodbeck (2009), Ferreira e Franco (2009), Fonseca (2009), Bezerra (2010), Pinsky e Pinsky (2010), Bittencourt (2011) e Ferro (1983).

**O ENSINO DE HISTÓRIA E OS MÉTODOS DA CIÊNCIA HISTÓRICA**

O ensino da História enquanto disciplina do currículo escolar se caracteriza como uma ação pedagógica intencional, organizada e sistematizada que tem como propósito permitir que a geração atual tenha acesso ao conjunto de saberes históricos produzidos e acumulados pelas gerações anteriores. Para isso é preciso que essa ação seja desenvolvida a partir de um viés didático que, embora se diferencie do fazer do historiador, estabeleça com ele uma relação de convergência. Esse ponto de vista é corroborado por Ferreira e Franco (2009, p. 103) que complementam defendendo que “o processo de construção do conhecimento histórico e a História ensinada são saberes inter-relacionados”. Nessa perspectiva, guardadas as devidas proporções, entendemos que o ofício do professor de História está ligado, de forma direta ou indireta, ao ofício do historiador, pois:

A compreensão das questões e dos métodos utilizados pelos historiadores, sem pretender fazer com que professores e alunos reproduzam práticas tal qual historiadores profissionais, ajuda na dinâmica da aprendizagem e aproximam conhecimentos que são, na verdade, complementares (FERREIRA e FRANCO, 2009, p. 103).

Face ao exposto, defendemos que o fazer pedagógico do professor de História encontra respaldo teórico e metodológico na História enquanto ciência. Nesse entendimento, toda ação didática desenvolvida em sala de aula com o intuito de promover a aprendizagem dos conteúdos trabalhados se fundamenta em alguns dos métodos da ciência histórica. Ao mesmo tempo que se aproxima de alguns, se distancia de outros. Assim, com o propósito de melhor analisar e fundamentar o ensino da professora participante da investigação, tomaremos como referência a pesquisadora Márcia Hipolide (2009) que apresenta os três métodos que norteiam a ciência histórica: o Positivismo, o Materialismo Histórico e a Nova História.

**Conhecendo os três métodos da ciência histórica: Positivismo, Materialismo Histórico e Nova História**

O Positivismo é considerado o método mais tradicional utilizado no ensino de História. Teve como fundador o francês Auguste Comte e se desenvolveu no século XIX. Esse método se respalda nas experiências e na crença de que “todos os fatos sociais devem, necessariamente, seguir uma natureza precisa e científica” (HIPOLIDE, 2009, p. 13). Com o Positivismo o ensino de História tem como temas centrais o estudo dos fatos sociais ocorridos no passado a partir de uma abordagem econômica, política e militar. Nessa ótica, o estudo da História se dá a partir das ações realizadas por imperadores, reis, chefes militares e presidentes, considerados os únicos protagonistas no processo de construção e desenvolvimento das sociedades. Há uma preocupação excessiva em decorar os nomes desses sujeitos históricos, as ações realizadas e as datas em que ocorriam. Dessa forma:

A História positivista assume, assim, um caráter de ciência estática, valorizando apenas as ações de quem esteve no poder, os grupos sociais dominantes, em detrimento de todos os seres humanos que compuseram as sociedades. A maioria das pessoas que viveu no passado fica à margem da construção da História (HIPOLIDE, 2009, p. 13).

No campo pedagógico, o ensino desenvolvido com base nos pressupostos do método Positivista, segue rigorosamente a versão dos acontecimentos imposta pelos documentos escritos, principalmente o livro didático. Este, por sua vez, assim como os demais documentos de natureza escrita e oficial são tratados como provas irrefutáveis dos fatos, cópias fiés de um passado retratado a partir de verdades inquestionáveis. No cotidiano escolar a influência do Positivismo tem marcações claras e definidas, como verificamos no trecho abaixo:

Na sala de aula, uma aula positivista de História caracteriza-se pela narração de fatos e citação de datas, nomes de heróis e de seus feitos. Os alunos assumem o papel de meros espectadores que devem aprender por meio da audição e da leitura de textos longos e expositivos. São impelidos a decorar a massa de informações que recebem para mais tarde ser submetidos a uma avaliação baseada em perguntas e respostas. Para eles, é claro, a melhor definição de História costuma ser “uma ciência que estuda os fatos vividos pela humanidade no passado”, restando dúvidas se mesmo isso é suficientemente compreendido (HIPOLIDE, 2009, p. 14).

O Materialismo Histórico tem como fundadores Karl Marx e Friedrich Engels. Foi desenvolvido na segunda metade do século XIX e parte do princípio de que as contradições encontradas nos fatos históricos geram transformações que por sua vez dão origem a novos fatos, o que os autores denominam de processo dialético. Uma das mudanças mais significativas em relação ao Positivismo é a inserção dos trabalhadores como sujeitos históricos. Até então esquecidos pelos historiadores no processo de investigação do passado da humanidade os trabalhadores ganham voz e passam a serem vistos como protagonistas nas mudanças ocorridas nas diferentes sociedades.

Na ótica do Materialismo Histórico a abordagem dos conteúdos leva em consideração as relações de poder estabelecidas entre os diferentes grupos sociais. Nessa concepção “a História é uma ciência que analisa as lutas existentes no interior das sociedades entre produtores e proprietários e as transformações sociais, políticas e culturais daí surgidas” (HIPOLIDE, 2009, p. 14). Nesse entendimento, estudar História não se restringe a conhecer os fatos históricos do passado como produtos das ações humanas em um determinado tempo e espaço. Mais do que isso, é desvelar os processos que influenciaram ou determinaram o rumo das mudanças sem esquecer ou deixar às margens da história a participação dos grupos minoritários envolvidos, atribuindo a cada um o devido reconhecimento pelo papel que exerceu no decorrer das mudanças efetuadas.

A Nova História surge na França na primeira metade do século XX, fundamentada no pensamento dos historiadores franceses Lucien Febvre e Marc Bloch, como um método inovador “que buscava novos caminhos para a História buscando a interdisciplinaridade e uma aproximação geral entre todas as ciências humanas” (BRODBECK, 2009, p. 7). Com ideias inovadoras para a época, a Nova História defende uma abordagem diferente para o estudo dos fatos históricos e “passou a influenciar fortemente o trabalho de pesquisa e ensino da História nos principais centros acadêmicos do mundo todo” (BRODBECK, 2009, p. 7). Para esse método, a História dá mais ênfase aos fatos representativos do modo de viver coletivo e das estruturas sociais vigentes em detrimento dos aspectos de natureza estritamente política. Nesse sentido:

A Nova História caracteriza-se essencialmente por utilizar métodos de análise que investigam minuciosamente as alterações na maneira de pensar e de agir do ser humano ao longo do tempo. Ao contrário dos positivistas, os historiadores da Nova História valorizam os fatos que estão ocorrendo no presente e, diferentemente dos marxistas, consideram o fato histórico mais próximo da mentalidade dos seres humanos que viveram numa determinada época, isto é, focam seus estudos em como as pessoas pensavam, como se organizavam em sociedade, como produziam suas riquezas etc. a partir de uma análise do presente (HIPOLIDE, 2009. p. 15).

Sob essa ótica, a Nova História inseri na posição de protagonistas dos fatos históricos homens comuns, camponeses, operários, mulheres, crianças, velhos e marginalizados, dando voz e ação e colocando-os no patamar de sujeitos históricos. Concomitante a isso, amplia o repertório de temáticas investigadas entre as quais citamos a prostituição, o alcoolismo, a violência doméstica, os moradores de rua, o desemprego, a sexualidade, entre outras e incorpora novas fontes históricas como ferramentas capazes de oportunizar aos historiadores uma visão ampla e profunda dos temas pesquisados. O repertório dessas fontes inclui vestimentas, certidão de nascimento e casamento, artefatos, monumentos, músicas, danças, diário pessoal, receitas, fotografias e cartões de vacina, entre outras. Nessa concepção, esse método concebe a História como “uma ciência que estuda o presente das diferentes sociedades e abre um diálogo com as que viveram no passado, com a finalidade de analisar as mais diferentes maneiras de viver da humanidade em diferentes tempos e espaços” (HIPOLIDE, 2009, p. 15).

**Situando o contexto da pesquisa**

A observação não participante ocorreu em uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal, no período de maio a julho de 2018, onde observamos dez aulas de História, de cinquenta minutos cada uma, sendo feita uma observação por semana de duas aulas no mesmo dia. A turma era composta por 30 alunos, sendo 20 do sexo feminino e 10 do sexo masculino, com uma faixa etária de 10 e 11 anos. Esses alunos residem na zona urbana e rural, são filhos de agricultores, pequenos comerciantes e funcionários públicos. Todos realizavam as atividades desenvolvidas em sala de aula, a maioria demonstrava interesse e prestavam atenção às explicações da professora. Apresentavam um bom comportamento, respeitavam e seguiam as regras e normas estabelecidas. Desses, vinte e oito encontravam-se devidamente alfabetizados, lendo e escrevendo sem muitas dificuldades. Apenas dois apresentavam dificuldades na leitura e na escrita. A professora tem formação inicial em Pedagogia, faz parte do quadro efetivo da rede municipal de ensino e possui vinte anos de efetivo exercício em sala de aula. A observação não participante consistiu em registrar em um caderno de anotações a maneira pela qual a professora desenvolveu as aulas de História.

**O foco nas aulas observadas: descrição e análise**

Considerando-se o que observamos nas dez aulas, percebemos que o ensino desenvolvido pela professora seguia um roteiro predefinido que se iniciava com a explicação oral do conteúdo a partir da leitura do texto informativo do livro didático, seguida de uma atividade escrita na lousa com questões predominantemente de perguntas e respostas para serem respondidas pelos alunos, às vezes individualmente, às vezes em grupos, tendo o livro didático como suporte para encontrar as respostas e encerrava com a correção oral da atividade.

No decorrer da leitura do texto informativo a professora tecia alguns comentários complementando as informações lidas. Isso ajudava os alunos a entenderem melhor os conteúdos. Nesse momento, sempre tinha alguns alunos que participavam mais ativamente da explicação, ora fazendo perguntas, ora citando exemplos relacionados ao que estava sendo explicado. A professora tentava estimular uma participação maior da turma lançando novas questões referentes ao conteúdo, abrindo espaços para que os alunos pudessem se posicionar frente ao que estava sendo repassado. Apesar disso, a timidez era um fator que contribuía para que muitos alunos apenas escutassem sem emitir um posicionamento.

Observando as explicações, percebemos que a professora dominava os conteúdos trabalhados, apresentando segurança e clareza na sua exposição. Ás vezes estabelecia uma relação entre o conteúdo trabalhado com a realidade do aluno. Havia uma preocupação da professora em repassar uma grande quantidade de informações para que os alunos compreendessem os fatos históricos estudados de forma mais abrangente. Os conteúdos eram trabalhados na perspectiva de ajudar os alunos a entenderem os conceitos históricos, os acontecimentos principais, os personagens envolvidos, os lugares e as datas. Essa metodologia de ensino se distanciou um pouco do método positivista onde segundo Hipolide (2009) as datas são trabalhadas de maneira descontextualizada e os personagens são apresentados como heróis, mas ainda mantem traços positivistas quando o trabalho com as narrativas dificultou a construção das noções de anterioridade, posteridade e simultaneidade. A forma com que o ensino era ministrado, apesar de romper um pouco com o autoritarismo tão presente nas salas de aulas durante todo o século XIX e até a década de 1970, ainda manteve uma ligação com a “exposição factual e linear, que supõe o aluno como receptáculo de ensinamentos” (BEZERRA, 2010, p. 40) e com a realização de “exercícios voltados especificamente para o teste de compreensão e fixação de conteúdos” (BEZERRA, 2010, p. 40),

Identificamos vários aspectos positivos que podem contribuir no processo de formação histórica dos alunos, como a preocupação em trabalhar os conceitos históricos, o espaço para a participação dos alunos e o estabelecimento, mesmo que ainda de forma tímida, de uma relação entre os conteúdos estudados com a realidade. Em contrapartida, pensando em uma perspectiva inovadora para o ensino de História, ao se trabalhar os conteúdos com base apenas na exposição oral, sem fazer uso de outras estratégias metodológicas, revela a predominância de resquícios de um ensino tradicional que, se por um lado ainda contribui em alguns aspectos para a aprendizagem dos alunos, como o repasse de um grande volume de informações, por outro lado não dá mais de conta de atender as necessidades de formar alunos para uma sociedade tecnológica com um nível acelerado de mudanças. Nesse entendimento, se considerarmos o atual estágio em que se encontram os debates, as discussões, os estudos e as pesquisas em defesa de um ensino de História inovador, o ensino apresentado pela professora precisa ser complementado e melhorado, pois:

[...] em vista da diversidade dos enfoques teórico-metodológicos que foram sendo construídos, especialmente nas últimas décadas, não é possível pensar em uma metodologia única para a pesquisa [...] nem mesmo para a prática pedagógica do ensino de História (BEZERRA, 2010, p. 38).

Nesse mesmo olhar Fonseca (2009) defende a necessidade de que nesse processo de renovação do ensino de História as metodologias utilizadas precisam ser permanentemente atualizadas e investigadas, sendo-lhes incorporadas diversas fontes e linguagens. Segundo a autora (2009, p. 81), “ao incorporar diferentes linguagens no processo de ensino de História, reconhecemos não só a estreita ligação entre os saberes escolares e a vida social, mas também a necessidade de (re) construirmos nosso conceito de ensino e aprendizagem”. Mesmo reconhecendo a contribuição que a exposição oral traz para o ensino de História, principalmente se ela acontecer de forma dialogada, ainda assim, abrir mão de outras linguagens compromete o processo de renovação tão discutido a décadas. Quanto ao vínculo entre saberes escolares e vida social em alguns momentos a professora sinalizou caminhar nesse sentido, porém faltou um pouco mais de aprofundamento que poderia ser feito por meio do levantando de um número maior de questões que possibilitassem aos alunos fazer comparações, discutir e refletir sobre elas.

No que se refere ao uso das fontes como instrumentos didáticos, durante as aulas observadas o livro didático foi o principal recurso utilizado pela professora para desenvolver o ensino. O livro didático, conceituado por Bittencourt (2011) como um objeto cultural, constitui um recurso imprescindível no fazer pedagógico de sala de aula. Faz parte do cotidiano escolar há pelo menos dois séculos e se tornou o instrumento de trabalho mais usado na tradição escolar (BITTENCOURT, 2011). Entretanto, mesmo concordando com a sua importância para o ensino, é preciso reconhecer também a necessidade de implementar outros recursos e fontes para tornar o ensino mais atrativo e com melhores perspectivas de aprendizagem. Nesse entendimento, “A incorporação e diversificação de fontes e linguagens no processo de ensino e aprendizagem é um pressuposto e um caminho” (FONSECA, 2009, p. 81). A utilização do livro didático em sala de aula precisa ser feita de forma consciente, considerando-se que:

Os livros didáticos no Brasil, como suporte curricular, elementos de políticas educacionais, são – como bem sabemos, veiculadores de ideologias, de propostas culturais e pedagógicas com grande poder de penetração na realidade escolar (FONSECA, 2009, p. 44).

Em virtude disso o professor deve ler nas entrelinhas a verdadeira intenção desse material. Ao fazer uma leitura crítica saberá utilizá-lo adequadamente, fazendo as adaptações necessárias para atingir os seus objetivos de aprendizagens em consonância com os fins educacionais. Dependendo do professor e da sua formação, o uso exclusivo do livro didático como recurso pedagógico limita a ação docente e compromete a formação histórica do aluno em uma perspectiva crítica. Tira do aluno a oportunidade de ter acesso a outros materiais que apresentam diferentes visões sobre os fatos históricos estudados e de entender que a história pode ser interpretada de diferentes maneiras, dependendo do ponto de vista, do contexto e da intenção de quem os produziu. Um contraponto ao uso excessivo do livro didático em sala de aula recomenda que:

[...] devemos considerar como fontes do ensino de História todos os veículos, materiais, vozes e indícios que contribuem com a produção e difusão do conhecimento e que são responsáveis pela formação do pensamento crítico, tais como os meios de comunicação de massa (rádio, TV, imprensa em geral), a literatura, o cinema, as fontes orais, monumentos, museus, arquivos, objetos, canções, etc (FONSECA, 2009, p. 81).

Nessa perspectiva, se considerarmos a variedade de fontes que podem ser utilizadas como ferramentas pedagógicas no ensino de História, entendemos que a prática docente desenvolvida pela professora nas aulas observadas ficou, de fato, limitada ao livro didático. Porém, isso não significa dizer que o trabalho nos demais componentes curriculares ou em outras aulas de História seja sempre assim. De qualquer forma, mesmo reconhecendo que algumas fontes citadas por Fonseca (2009) como cinema, museus e monumentos não se encontram a disposição para o exercício docente, há na biblioteca da escola, na própria comunidade e de fácil acesso na internet, diversas fontes que poderiam ser utilizadas em algumas dessas aulas, como filmes, objetos, mapas, textos jornalísticos, imagens, textos literários e canções, entre outras.

Ao trabalhar os conteúdos, apesar de em alguns momentos das aulas a professora fazer alguma referência com o tempo presente e com a realidade do aluno, isso não era feito de forma constante, mas esporádica. Isso dificultou o estabelecimento de um vínculo maior entre o estudo do passado com o tempo presente e do reconhecimento por parte do aluno do seu papel no contexto social em que está inserido. Dessa forma, ao considerarmos a necessidade de que “cada estudante precisa se perceber, de fato, como sujeito histórico, e isso só se consegue quando ele se dá conta dos esforços que nossos antepassados fizeram para chegarmos ao estágio civilizatório no qual nos encontramos” (PINSKY e PINSKY, 2010, p. 21), fica evidente que a necessidade da professora e dos professores de História em geral de refletir sobre a possibilidade de ensinar de forma mais dinâmica, atrativa e com atividades mais variadas de modo a oportunizar ao aluno mais tempo e espaço para o seu envolvimento nas tarefas realizadas em sala de aula. Pois:

Quanto mais o aluno sentir a História como algo próximo dele, mais terá vontade de interagir com ela, não como uma coisa externa, distante, mas como uma prática que ele sentirá qualificado e inclinado a exercer. O verdadeiro potencial transformador da História é a oportunidade que ela oferece de praticar a “inclusão histórica” (PINSKY e PINSKY, 2010, p. 28)

Posto isso, os dados analisados na investigação mostra um ensino de História que ainda apresenta alguns traços característicos de uma concepção tradicional de educação que se aproxima em alguns aspectos do método Positivista e se distancia um pouco em outros aspectos, mas que ainda precisa se aproximar também do Materialismo Histórico e da Nova História para incorporar as mudanças necessárias para melhorar o ensino desse componente curricular. O ensino desenvolvido pela professora apresenta uma limitação em relação ao uso de fontes históricas variadas, restringindo-se ao livro didático sem referências a outros autores, obras e materiais que possam complementar, enriquecer ou contrapor-se ao que está sendo posto pelo livro. Esse ensino favorece a formação de alunos capazes de acumular um grande volume de informações, mas com enormes dificuldades de compreender o que elas representam.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pelo que apresentamos até aqui, mesmo tendo a consciência de que no efetivo exercício de sala de aula há uma diversidade de aspectos que se entrelaçam mas que não compõem o rol de características de um único método de ensino, ressaltamos, no entanto, que há uma convergência no sentido de entender que a maioria das ações desenvolvidas pelo professor em sala de aula carrega em si elementos que as aproximam de um determinado método de ensino. Isso pode acontecer tanto de forma intencional, quando o professor se apropria da sua teoria e tenta colocá-la em prática, por acreditar na possibilidade de melhoria no processo ensino-aprendizagem, quanto de forma não intencional, quando não há uma apropriação teórica dos fundamentos que caracteriza determinado método.

Nesse caso, as ações são guiadas pelo conjunto de experiências acumuladas e repassadas ao longo do tempo através da prática de sala de aula, seguidas e efetivadas de forma acrítica como se fossem as únicas capazes de atender as necessidades de aprendizagem dos alunos e atender aos objetivos educacionais propostos. Ao concluir este artigo, constatamos que o ensino de História desenvolvido na turma locus da investigação apresenta várias características que se aproximam de uma concepção tradicional de educação. Segue alguns pressupostos positivistas, indo na contramão das ideias defendidas pelas novas correntes historiográficas como a Nova História, a História Social e o Materialismo Histórico, que pregam a renovação do ensino.

Este trabalho nos revela que ainda existe uma grande distância entre o que é discutido, pesquisado, analisado e apresentado no campo das ideias e dos discursos com a sua efetivação em sala de aula. A disseminação dos estudos recentes acerca da renovação do ensino de História ao que parece ainda não encontrou no chão das escolas e mais especificamente na sala de aula os espaços necessários para sua efetivação plena. Não foi devidamente assimilado ou reconhecido pelos profissionais da educação com a importância que lhe é peculiar ou não está sendo trabalhado com o respaldo teórico e metodológico necessário.

A investigação aponta a necessidade de repensar o ensino de História lançando um olhar reflexivo sobre o tipo de aluno que se deseja formar. Aponta ainda que o ensino desenvolvido pela professora contribui para a formação de alunos com a capacidade de assimilar um grande volume de informações, porém, com muita dificuldade de compreendê-las e interpretá-las. Se por um lado esse tipo de ensino ajuda o aluno a obter bons resultados nas avaliações classificatórias e quantitativas por meio da memorização dos conteúdos estudados, por outro lado não desenvolve o senso crítico e reflexivo, nem tão pouco a capacidade de transformar essas informações em conhecimento, dando lhe sentido e reconhecendo-se como sujeito histórico.

**REFERÊNCIAS**

BEZERRA, Holien Gonçalves. Ensino de História:conteúdos e conceitos básicos. In: KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas.** 6ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. 4. ed. - São Paulo: Cortez, 2011- (coleção docência em formação. Série ensino fundamental / coordenação Antônio Joaquim Severino, Selma Garrido Pimenta).

BRODBECK, Marta de Souza Lima. **O ensino de História:** Um processo de construção permanente. História: Ensino Fundamental I – Curitiba: Módulo Editora, 2009. 144 p.

FERREIRA, Marieta de Moraes e FRANCO, Renato. **Aprendendo História:** reflexão e ensino. - São Paulo: Editora do Brasil, 2009

FERRO, Marc. ***A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação*.** São Paulo, IBRSA, 1983, 306 p.

FONSECA, Selva Guimarães. **Fazer e ensinar História.**\_ Belo Horizonte: Dimensão, 2009, 296 p.

HIPOLIDE, Márcia Cristina. **O ensino de história nos anos iniciais do ensino fundamental: metodologias e conceitos.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.

PINSKY, Jaime e PINSKY, Carla Bassanezi. Por uma História prazerosa e consequenteIN: KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas.** 6ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010